

LAT-2400

BIBLIOTECÁRIO UNIVERSITÁRIO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA PROFISSÃO

**Maria Catarina Cury**

Consultora em Recursos Humanos/Educação

[cury.catarina@uol.com.br](mailto:cury.catarina@uol.com.br)

**Maria Solange Pereira Ribeiro**

Bibliotecária UNICAMP

[solangepr@uol.com.br](mailto:solangepr@uol.com.br)

**Nirlei Maria Oliveira**

Bibliotecária – CREUPI

[nmoliveira@uol.com.br](mailto:nmoliveira@uol.com.br)

**RESUMO**

Poder da informação, interface com o usuário, guardião do saber, são as principais metáforas da profissão que permeiam as representações sociais que os bibliotecários universitários constroem nas imagens de si e do outro. A pesquisa buscou em Roger Chartier o conceito de representação e a distinção entre representação e representado uma vez que as representações dos bibliotecários estão por suposição em um campo de competências e concorrências onde os desafios se enunciam em termos de poder, dominação e identificação profissional.

**Palavras-chave:** Bibliotecário universitário—representações sociais; Bibliotecário - metáforas; Bibliotecário - relações de poder.

A modificação dos instrumentos culturais na história da humanidade, apresenta-se, via de regra, como uma profunda modificação, como crise colocada ao modelo cultural precedente. A chegada de uma sociedade de formiga, começou com as massas, e assim, foram elas as primeiras a serem submetidas ao enquadramento das racionalidades niveladoras. A cultura, nesta perspectiva, fornece imagens e modelos que dão forma às novas aspirações individuais que modificam a linguagem ordinária. O fluxo subiu e atingiu os intelectuais possuidores dos saberes gerados por eles mesmos e absorvidos no sistema. As águas desse fluxo, hoje transformadas em gotas d'água no mar, ou em metáforas de uma disseminação da língua que não tem mais autor, tornaram-se o discurso indefinido do outro.

Sobre um outro plano, as imagens se aproximam do real, transformadas em ideais, fazem-se modelos que incitam uma certa práxis. Um grande impulso do imaginário em direção ao real tende a propor "mitos" de auto-realização e uma ideologia com receitas práticas para o bem-estar dessa práxis. Esse conceito de aproximação do coletivo, a exemplo das formigas, traz implícita a idéia divulgada por Michel de Certeau sobre a modificação da relação da cultura com a sociedade. Por esse motivo, podemos compreender essa aproximação como um motejo ao singular e extraordinário. Podemos ainda visualizar o movimento que o impulsiona, não só do real ao imaginário, mas também do imaginário ao real.

Essas maneiras de fazer constituem as variadas práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção socio-cultural; estabelece contratos numa rede de relações com e na economia cultural dominante usando para tanto inúmeras e diversas transformações, segundo suas próprias regras. O trabalho com as representações de um determinado grupo social permite, pelo conhecimento dos objetos sociais, a possibilidade de apreender o uso que dele fazem os indivíduos ou os grupos.

A sociedade está mudando, não apenas mudando o mercado de trabalho; antes, a cultura não mais se restringe a um grupo social nem é uma propriedade particular das especialidades profissionais como os docentes, bibliotecários, gerentes, profissionais liberais. A cultura não é mais estável e definida por um código aceito por todos.

Em uma visão histórico-materialista a ordem é inversa, a mudança do mercado de trabalho muda também a sociedade. Se as mudanças caminham na sociedade alterando seus fluxos e influxos, elas acabam por acontecer nas diversas áreas de conhecimento e nos fazeres técnicos, acabam portanto, a acontecer no fazer bibliotecário.

O espaço a ser decifrado nas representações do bibliotecário para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor a sua concepção do mundo sociocultural, foi a proposta do presente trabalho. Tomamos aqui a conceituação de Roger Chartier no sentido que as representações coletivas, construídas conforme as variáveis sociais ou meios intelectuais, são habitualmente produzidas por disposições partilhadas e próprias de um determinado grupo. Daí a importância de relacionar os discursos proferidos na pesquisa com o locus de quem os utilizou. A existência de práticas sociais revestidas de uma lógica autônoma e que não podem ser reduzidas a representações, implica em tornar operatórios o saber biblioteconômico e o conjunto de formas de apropriação. As representações traduzem suas posições, aspirações e interesses, confrontados objetivamente e, ao mesmo tempo, descrevem o meio social do trabalho tal como pensam que ele é, ou como gostariam que fosse.

Considera-se aqui toda forma de apropriação desigual, por isso as representações se colocam num campo de concorrências e de competições em que os desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações assumem importância

semelhantes às lutas econômicas e localizam ou definem pontos de confrontamentos tão mais decisivos quanto menos materiais; tanto mais ideológicos quanto mais informacionais. Por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas a partir de seus representantes (coletivo ou pessoas) marcam de forma visível as representações do grupo, da classe social ou da comunidade de representados.

As estruturas definidas pelas representações não são dados objetivos; são todas elas historicamente produzidas pelas práticas articuladas quer sejam sociais, políticas ou discursivas que constroem as suas figuras. Daí a caracterização das práticas discursivas como produtoras de divisões e ordenamento ao mesmo tempo em que são práticas de apropriação cultural e têm suas determinações sociais. Dentre essas determinações encontramos algumas metáforas que tentam definir ou construir uma representação social do fazer biblioteconômico como marca do profissional, por meio de expressões já consagradas de si para si como: o guardião do saber, intermediário/interface do conhecimento , intermediário/interface da informação.

No mundo contemporâneo dominado pela informação, o que conta não é o músculo – saber-fazer, mas a informação – saber-saber; não o saber organizar a produção, mas o saber tratar a informação. No entanto não significa que isto expresse o surgimento de um poder tecnocrático que dominaria uma pirâmide do saber, mas uma ciência que permitiria compreender os meios pelos quais se pode transmitir a informação e não somente estocá-la. A divisão entre o fazer e o pensar decidem o funcionamento cotidiano da utilização da informação assim como simultaneamente o organizar a produção de forma eficaz e o tratar a informação tanto para a indústria como para os serviços.

O profissional bibliotecário tem-se destacado no fazer, organizar e estocar informações. Fazeres estes, que legitimam seu valor na sociedade e um comportamento que cria princípios de ação para exercer poder e gerir representações positivas para a categoria. Na luta para dominar seu campo de ação e delimitar fronteiras entre áreas de conhecimento, o bibliotecário capitaliza saberes e conhecimentos que se objetivam em suas competências. Para AUTHIER(1999) as competências são armas que se expressam como qualidades ou atributos humanos sendo portanto a competência, um conhecimento humano, um saber dominar uma atividade ou uma maneira de ser. Considera ainda que a única maneira de encontrar um sentido nas coisas é estar atento para o significado que cada pessoa atribui àquilo que faz e/ou conhece.

A representação do bibliotecário como aquele que detém o poder da informação, tem por base o conceito histórico da biblioteca como centro de poder. Em análise ampla, por todas as épocas se constata a presença do poder, pelas forças de controle de detenção e utilização dos meios de informação. Desta forma, as bibliotecas, reconhecidas como instrumentos sociais pelos governantes, ligam-se à idéia de serem depositárias de bens culturais. A imagem da biblioteca como poder, é uma relação estreita a nível ideológico fortemente marcada pela presença do político nela refletido via instituição, canalizando as representações políticas vigentes em determinado período. Como centro de poder nela se reflete invariavelmente as mudanças políticas.

Ao longo do tempo as bibliotecas são representações diretas das diversas mentalidades dominantes. Assim considerado, conhecimento é sinônimo de poder e informação, ao longo da história, cultura e poder são indissociados. Se na sociedade capitalista a informação é mercadoria, ela explica e acentua o distanciamento na relação desigual do conhecimento.

## DAS METÁFORAS

Para os bibliotecários universitários os significados dos seus fazeres são evidenciados em várias referências metafóricas, que por vezes são contraditórias mas que interseccionam e trazem à tona representações da profissão. Informação é poder - metáfora comumente proferida pelo profissional e que estabelece a importância do bibliotecário no espaço social informacional. O espaço de atuação do bibliotecário compreende o setor de referência e o setor de processamento técnico onde constatamos duas representações, embora estes dados não estivessem nos objetivos iniciais da pesquisa de estabelecer relações entre setores. Percebe-se uma divisão ideológica entre os setores permeada por uma luta simbólica entre o fazer da referência e o fazer do processamento técnico. O bibliotecário que atua no setor de processamento técnico - tratador da informação - opera no processo de produção por unidade onde é possível observar uma racionalização, isto posto em tratamento estandarizado da informação, com ritmo, regulação e interferência de constância, ou seja, um trabalho que se expressa pela “mão força”, sem nenhuma interferência no saber teórico. Neste setor, os profissionais possuem uma representação positiva desta metáfora. Para este grupo de profissionais a informação é poder, mesmo que na prática este poder opere nas micropartículas de informações padronizadas e operacionais. Ainda que o tratamento da informação se dê de forma fragmentada, há uma vontade de interferir e direcionar a informação para o usuário. Dominar a informação é o imaginário de poder no setor de processamento técnico.

Os bibliotecários do setor de referência possuem uma representação negativa da metáfora informação é poder; resultado inusitado tendo em questão que este profissional atua como disseminador da informação, opera em redes eletrônicas de informação, bancos de dados, bibliotecas virtuais etc. entendido no atual contexto como aquele que faz a informação

circular. Este resultado contraria o discurso que o setor referência é o mais importante da biblioteca. Isto para muitos profissionais constitui-se um poder perante o grupo anterior, quando, na verdade, os dois grupos operam no mesmo grau de importância sem qualquer interferência direta em conteúdos das informações por ele manuseadas, desconhecendo o valor intrínseco da mesmas. O fazer circular a informação do setor de referência, não opera agregando conhecimentos às informações solicitadas, quase transformados em empacotadores e entregadores de informações. O poder neste setor está em entregar a informação, sem contudo obter poder por manuseá-la ou passá-la a outro. O poder da informação está no poder que o usuário dá à informação recebida.

Percebe-se entre os componentes de cada setor uma luta simbólica pelo poder, isto posto em domínios de pontos, vírgulas, ou por ser solicitado e reconhecido pelos usuários. Concretamente o profissional não exerce nenhum poder sobre a informação dada ao usuário, ou sobre a descrição dos registros bibliográficos. Para LOJKINE,(1999)

”o poder da informação não se limita à estocagem e circulação de informações codificadas sistematizadas por programas de computador ou difundidas por mass-media, mas envolve, sim, sobretudo criação, acesso e intervenção sobre informações estratégicas - econômicas, políticas, científicas e ética. Pouco adianta estocar informações se não há possibilidade de intervir nelas”

Desta forma, a luta simbólica entre setores se dá nas micropartículas do saber-fazer, ambos com rotinas diferenciadas e valores distintos sobre o seu fazer e o fazer do outro, ainda assim, constituem-se em “mão força”.

Para atuação dos grupos como “mão inteligente” requer uma desconstrução ou reconstrução do seu saber profissional. A “mão inteligente” expressa um profissional que domina não apenas conceitos de informática, mas atua em espaço sem divisão de trabalho manual e intelectual, com criatividade e acesso às informações estratégicas, no sentido de

estar a par, intervir e participar de decisões. Como nos informa LOJKINE(1999)” para termos “mão inteligente” precisaríamos nos acostumar à idéia de que essa “mão” só se desenvolve “junto a liberação da boca para falar.” Esse falar, traduzido num processo de comunicação (sem falhas e sem erros), requer conhecimento, que permita uma difusão da informação; para tanto se faz necessário estar integrado num ambiente cultural mais amplo de comunicação, que o torna um mediador, aquele que faz a interface; termo originário da informática definido como: “elemento que proporciona uma ligação física ou lógica entre dois sistemas ou partes que não poderiam ser conectadas diretamente<sup>1</sup>”. A expressão interface, quando empregada para definir funções de pessoas, revela um imaginário de tornar-se perfeito, produtivo, eficiente, servir o outro automaticamente, “ficar entre”, ser facilitador.

Esta interface é fortemente exercida com o usuário presencial que necessita de equipamentos e do bibliotecário, e ainda, carece da biblioteca tradicional. Este papel é disputado entre profissionais do mesmo setor que buscam o reconhecimento pelas atividades prestadas, estabelece-se assim, uma luta invisível para o exercício da interface, ou para ser aquele que conduz, ou ensina, ou encaminha, ou entrega papéis aos usuários. A disputa por este papel não se dá mais entre os pares, mas entre diversos profissionais que dominam com eficácia esta tecnologia colocando em dúvida o futuro do bibliotecário mesmo como organizador do suporte informacional. Concordamos com LOJKINE (1999, p.292) quando menciona que:

“uma crise de identidade em todas as categorias profissionais situadas em fronteiras móveis, categorias que são suporte; interface...experimentam uma perda de identidade e uma desqualificação de seu trabalho, sentindo-se reduzidos as condições de operários especializados da informática.”.

---

<sup>1</sup> Termo extraído do Dicionário de Informática Inglês/Português. 4.ed. Rio de Janeiro: Sucessu, 1985

Para angústia de muitos bibliotecários o usuário remoto possui uma independência de recursos tecnológicos e conhecimentos suficientes que lhe permitem ter acesso à informação desejada. Com o advento da Internet, cada vez mais o usuário é colocado em contato com a interface amigável isto quase sempre na forma de softwares facilitadores de busca e acesso à informação. O universo de mídias e informação estão à disposição dos usuários no conforto da sua sala. Como bem enfatizou COELHO NETO (1997):

“os caminhos que levam à fonte agora são inúmeros, não há mais guardas nas fronteiras para o saber se você está de posse da identidade ideológica, teológica ou doutrinária correta e não há mais nem mesmo as fronteiras...e as pessoas sabem muito bem o que querem. Se não sabem, descobrem logo”. Desta forma necessita cada vez menos do bibliotecário, para conduzi-los pelos caminhos e sendas dos catálogos, redes, bancos de dados, etc. enfim aquele que conecta o usuário ao mundo informacional.

O processo de interface deu origem a outras metáforas quanto à descrição da função do bibliotecário estimulados a acompanhar a modernização introduzida pela tecnologia de forma a exigir novas denominações para suas ocupações a saber: profissional da informação, gerente informacional, cientista da informação, etc.; com as tecnologias houve uma desestruturação do saber-fazer formal do bibliotecário, em especial com o aparecimento da Internet que vem colocando de lado todos os instrumentos de organização e de acesso à informação. O que se presencia na praxis cotidiana é um distanciamento entre o avanço das terminologias e o fazer gerencial, que na maioria das vezes se resume em questões meramente administrativas.

Nas várias representações que o bibliotecário faz de si já foi “filtro” ou censor de leituras. Com a evolução da biblioteca e respectiva abertura de acervo, tornou-se mediador entre o usuário e o material bibliográfico. Atualmente ele se vê fazendo a interface entre o usuário e a informação oriunda da parafernália tecnológica e disposta nas novas mídias. Para

atuar com a informática e tentar atualizar sua praxis, o bibliotecário faz uma apropriação das metáforas maquinicas, para se autodenominar moderno, sem atentar para o verdadeiro sentido e a carga ideológica implícita no termo. Este profissional é um componente de ligação, entre o usuário e a informação, com seus fazeres ordinários automatizados. O computador dá uma aparência do novo, do moderno, mas este profissional ainda lida com instrumentos tal qual elaborados há um século. Não houve atualização dos instrumentos do fazer biblioteconômico, conforme CASTRO E RIBEIRO (1997,p.22):

“(...)substituímos os velhos catálogos em fichas para a tela do computador, substituímos o empréstimo manual por código de barras. Em resumo, o que mudou? Provavelmente só utilizamos os novos recursos para agilizarmos as atividades(..)há um imaginário construído pelo e para o bibliotecário de que as novas tecnologias da informação engrandecem a profissão, resolvem velhos problemas de armazenamento e transferência de conhecimento. Este discurso serve para escamotear uma prática onde mudaram os meios, mas a essência é a mesma”

A biblioteca num passado remoto, era vista como instituição respeitável, um lugar sagrado e quase inacessível que se modifica à medida que as formas de organização social evoluem e alteram a mentalidade dominante. Sob o aspecto cultural a biblioteca estava ligada ao conhecimento da literatura, das artes e das humanidades. Luz do saber - termo comumente designativo das bibliotecas como guardiãs do saber - implicava em conhecimentos como possibilidade de restauração humanística da sociedade através do eruditismo e das filosofias, oriundas do Iluminismo; o cultivo da instrução como forma de aprimoramento do espírito. Daí ser a biblioteca espaço de leitura instrutiva.

Na atualidade a biblioteca tem valor pelo que serve e não pelo que guarda na dimensão do verdadeiro e do belo, designada luz do saber, tesouro da humanidade assistido por um bibliotecário culto e sábio. Com a explosão informacional e tecnológica, a biblioteca coloca-se como um apêndice da escola/universidade, como lugar de acesso à informação

imediate. O bibliotecário moderno está absorvido em técnicas de organização e tratamento da informação para disponibilizar nos aparelhos tecnológicos. Não está envolvido com as questões da cultura, nem da formação pedagógica e nem de relações humanas, tampouco são bibliotecários que sabem ler. Assim como nos informa COELHO NETO (1997, p. 29) a biblioteca não é mais um *templo único* e nem o bibliotecário um *oficiante sagrado* pois,

“... o bibliotecário que se forma hoje no Brasil é um bibliotecário generalista que descobre cada vez mais que não detém nenhum conhecimento específico”.

Para concluir, as metáforas que permeiam o imaginário dos bibliotecários, (informar é ter poder, guardião do saber, mediador da informação, cientista da informação, gerente informacional, etc), explicitadas nesta pesquisa, não têm lugar no processo evolutivo por que passa a biblioteca. Explicamos: são metáforas que não condizem com a praxis e/ou formação do profissional para a atualidade. Isto posto, acreditamos que novas metáforas têm surgido com o avanço tecnológico e as conseqüentes mudanças na cultura organizacional.

Um retomar por parte do bibliotecário no sentido de atualizar seus paradigmas, se faz necessário, principalmente ajustá-los ao fazer comprometendo este fazer com o saber, o que possibilitará novas questões epistemológicas com o desenvolvimento de estudos, através de pesquisas inovadoras que permitam a aplicação de novos métodos, sem a repetição contínua daqueles já suficientemente experimentados. A inovação permitirá, quiçá, uma linha atual de pensamento para a Biblioteconomia.

## **ABSTRACT**

Power of information, interface with the user, guardian of the knowledge, these are the main profession's metaphors that define the social representations built by university librarians in the imagery of themselves. The research found in Roger Chartier the concept of representation and the distinction between representation and represented, considering that, librarians' representations are supposed in an area of competence and competition, where the challenges are expressed in terms of power, domination and professional identification.

**Key-words:** University librarians-social representations; Librarian-metaphors; Librarian-relations of power.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER, Michel. *A economia da competência*. Margem, n.8,p.47- 51,dez.1998

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: a artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v.5, n.11, p.173-191, jan./abr.1991.

COELHO NETO, Jose Teixeira. As duas crises da biblioteconomia. *Transinformacao*,v.9,n,1, p.26-31, jan/abr,1997.

DICIONARIO de informática inglês-português. 4.ed. Rio de Janeiro: SUCESSU, 1985

LOJKINE, Jean. *A revolução informacional*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

CASTRO, César Augusto, RIBEIRO, Maria Solange Pereira. Sociedade da informação: dilema para o bibliotecário. *Transinformacao*, v.9, n.1, p.1725, jan/abr.1997.

INFOBILA